

Migração e novas mídias: um diálogo sobre a experiência familiar transnacional de estrangeiras presas em São Paulo e de trabalhadoras filipinas residentes em Londres¹

Migration and the new media: a dialogue on the transnational experience of the family among female foreign prisoners in Sao Paulo and female Filipino workers in London

Bruna Louzada Bumachar – UNICAMP

RESUMO

O presente artigo constitui um exercício de reflexão sobre os usos das tecnologias de comunicação entre estrangeiras presas na Penitenciária Feminina da Capital (São Paulo) à luz da etnografia de Madianou e Miller (2012). O interesse comum deste artigo e da pesquisa apresentada em tal livro é a reflexão em torno da importância dessas tecnologias na experiência de maternidade de migrantes transnacionais. Ambos estão fundados no trabalho de campo etnográfico multi-situado e de longa duração e buscam dar conta, dentre outras coisas, de uma questão em comum: como mães e filhos mantêm seus vínculos e seus respectivos papéis quando separados ao longo de anos pela migração transnacional? A partir do diálogo ficcional entre uma filipina residente em Londres e uma estrangeira presa em São Paulo, o artigo explora a rentabilidade da teoria sobre polimídia apresentada pelos dois autores.

Palavras-chave: Estrangeiras presas. Filipinas migrantes. Maternidade transnacional. Tecnologias de comunicação. Ficção etnográfica.

ABSTRACT

This article draws on the ethnography developed by Madianou and Miller (2012), in order to reflect on the uses of communication technologies among foreign women imprisoned in the Penitenciária Feminina da Capital (women's penitentiary in the city of Sao Paulo). This research intersects with the present article in that it focuses on the importance of communication technologies for transnational motherhood. Both works are based on long-term and multi-sited ethnographic fieldwork and consider a common issue: how do mothers and children sustain their ties and respective roles when separated due to transnational migration? The article explores the theory of polymedia proposed in "Migration and New Media" through a fictional dialogue between a Filipino woman resident in London and a foreign woman imprisoned in Sao Paulo.

Keywords: Female foreign prisoners. Female Filipino migrants. Transnational motherhood. Communication Technologies. Ethnographic fictions.

¹Agradeço imensamente a Adriana Piscitelli, Fernando Henrique Oliveira, Iara Beleli, Iracema Dulley, Luísa Luz, Mauro Brigeiro e Michael Nolan pelos comentários e sugestões a este artigo.

INTRODUÇÃO

“Vamos lá, filha! Vou preparar a cama para você, venha!” – eis a frase que anuncia o fim do meu almoço. É hora de dona Francisca me conduzir ao seu quarto para a *siesta*. Não costumo dormir após as refeições, mas ali meu “corpo tão magrinho!” foi brindado com essa necessidade. Necessidade não, cuidado – que se multiplica e ganha novas formas nos corpos que passam pela casa dessa senhora baiana de meia idade. Cuidados que também edificam sua vida e sua associação/residência criada e conduzida exclusivamente por ela para abrigar e assistir, na capital paulista, estrangeiras em liberdade e em cumprimento de penas alternativas.

Instantes depois de me “colocar para dormir”, eis que retorna nas pontas dos pés na companhia de Lerato. Verifica se meus olhos estão fechados. Não, não estão. Sussurra desculpas por incomodar meu descanso e explica que Lerato marcou uma conversa no Skype com a irmã de uma filipina. Pergunto se querem que eu saia do quarto. A resposta de ambas é negativa, para minha alegria. Enquanto levanto da cama para ajudar a ligar o computador, a sul-africana me revela mais detalhes. Lerato diz que está em contato, via Facebook, com a irmã de Marites, filipina presa há pouco mais de um mês por tráfico internacional de drogas. Em seu último mês de pena na Penitenciária Feminina da Capital, conviveu com a novata na cela compartilhada com mais outras três ‘parceiras’². Agora que está ‘na rua’ vem ajudando a irmã da novata presa a se familiarizar com a vida prisional.

Computador ligado, Skype conectado. Lerato aguarda a chamada de Joy. “Mas por que você não liga ao invés de esperar?”, pergunto. Porque a família de Joy nas Filipinas não a pode ver *online*; esse *status* pode ser a primeira pista sobre o verdadeiro paradeiro da irmã recém-presa. Seus três filhos e parentes acham que ela se mudou para o Brasil com os patrões e ainda está em fase de assentamento. Ninguém sabe de sua prisão, só Joy e a mãe. Além do mais, a primogênita de Joy vive conectada. Se estiver *online* e a vir no Skype, possivelmente puxará conversa; se a mãe disser que está ocupada com outra pessoa, quererá saber quem é e qual o motivo da conversa. Por isso, ficou combinado que se manteria *offline*, mas ligaria para Lerato assim que chegasse do trabalho – por volta das 15:00 em São Paulo, 18:00 em Londres e 1:00 da manhã em Manila.

O Skype de Lerato toca, é Joy. Por frações de segundo, a expectativa toma conta do quarto. Da cama, Francisca e eu observamos os primeiros instantes do encontro, enquanto cochichamos sobre a vida das irmãs filipinas. Ela me conta que ambas têm formação em enfermagem e foram para o exterior trabalhar no cuidado doméstico de idosos e doentes. Como tantas outras filipinas de classe média, deixaram seus cargos em Manila em troca de trabalhos menos qualificados, porém com melhores remunerações – marca da “contraditória mobilidade de classe” entre as migrantes (ver Rhacel Parreñas, 2001). Joy, 42 anos, está em Londres há três. Antes de ir para lá, viveu em Hong Kong, um dos principais destinos de migração entre trabalhadoras filipinas. E, de acordo com uma tendência compartilhada entre conterrâneas, decidiu emendar uma migração na outra. Marites, 38 anos, aproveitou a rede de contatos de Joy em Hong Kong para se livrar dos abusos do marido e

² Os termos nativos estão entre aspas *simples*. Como ficará evidente, são quase sempre palavras da língua portuguesa.

garantir melhores condições de vida aos três filhos³. Estes ficaram com o pai na casa em Manila e sob os cuidados de uma antiga empregada doméstica, as tias e a avó materna⁴.

“Francisca?” – nossa conversa é interrompida pelo chamado de Ahmid, egresso da Guiné-Conacri que frequenta a associação/residência. “Já vou, filho. Deixe eu ir lá, Bruna. Preste atenção aí para me contar tudo depois, tá?” E antes de se retirar, volta-se para a sul-africana: “Lerato, filha, qualquer coisa eu estou ali na cozinha, tá bom amor? Converse à vontade e mande um abraço para Joy. Diga que se ela precisar de alguma coisa, eu estou aqui!”

O presente artigo constitui um exercício de reflexão sobre os usos das tecnologias de comunicação entre estrangeiras presas na Penitenciária Feminina da Capital (São Paulo) à luz do livro *Migration and New Media: Transnational Families and Polymedia* (ver Mirca Madianou e Daniel Miller, 2012a) e de artigos correlatos (MADIANOU; MILLER, 2011a; 2011b; 2012b). O interesse comum da pesquisa apresentada em tal livro e do presente artigo é a reflexão em torno da importância dessas tecnologias na experiência de maternidade de migrantes transnacionais. Ambas estão fundadas no trabalho de campo etnográfico multi-situado e de longa duração e buscam dar conta, dentre outras coisas, de uma questão em comum: como mães e filhos mantêm seus vínculos e seus respectivos papéis quando separados ao longo de anos pela migração transnacional?

A recém-publicada obra trás uma bela etnografia sobre as novas mídias e a natureza das relações sociais mediadas, sem que uma temática tenha prioridade sobre a outra. A partir da relação entre filipinas migrantes e seus filhos deixados para trás, os autores apresentam um novo tipo de “família transnacional conectada” resultante da convergência de dois fenômenos: a migração transnacional e a explosão das oportunidades comunicativas proporcionadas pelas novas mídias.

Em minha pesquisa, busco refletir sobre a experiência prisional de estrangeiras marcada, de um lado, pelo corte com exterior (no duplo sentido do termo, extramuros e seu país de origem), e, de outro, por uma trama de conexões que lhes garante uma determinada presença no exterior. A partir de casos de maternidade, discuto a importância das mídias na negociação de arranjos familiares e na composição da experiência prisional transnacional.

Neste artigo, aprofundo algumas de minhas reflexões em andamento sobre os usos de tais tecnologias por meio da comparação entre as experiências das duas categorias de migrantes. No diálogo entre Lerato e Joy, personagens criadas por mim, exploro a rentabilidade para minha pesquisa da teoria sobre novas mídias e relações mediadas apresentada pelos dois autores. Antes de entrarmos no diálogo, teço alguns comentários sobre minha escolha por uma narrativa ficcional.

³ Sobre motivações para a migração de trabalhadoras filipinas ver Nicole Constable, 1999; Filomeno Aguilar, 2002; Filomeno Aguilar *et al.*, 2009; Rhacel Parreñas, 2001. Há outras referências recuperadas por Mirca Madianou e Daniel Miller no capítulo 3 da obra em questão.

⁴ De acordo com Parreñas (2005), tanto nas classes trabalhadoras quanto nas médias de Manila, os pais de família raramente assumem as tarefas que antes eram feitas pelas mães migrantes. Ficam fora da cena e se recusam a assumir as responsabilidades de cuidado, seja por meio de sua mudança para outra ilha, seja se mostrando alheio e desinteressado para com a vida das crianças. Esta postura paterna, segundo a autora (2001), é um dos elementos que marcam a constituição de uma corrente de cuidado internacional, composto por três três agrupamentos de mulheres: as de classe média nos países de destino; as filipinas migrantes que realizam trabalhos na indústria dos cuidados; e, por fim, as filipinas que são muito pobres para migrarem e, por isso, realizam trabalhos domésticos nas casas das migrantes em seu próprio país. Contudo, isso não é consensual na bibliografia que trata de outras realidades que não a da urbana Manila. Há trabalhos (Fenella Cannell, 1999; Deirdre McKay, 2007; Alicia Pingol, 2007) que questionam essa abordagem da corrente de cuidados por não reconhecer suficientemente nem a agência e a auto-reflexividade das migrantes nem o potencial de empoderamento da migração para essas mulheres. As autoras apresentam outras realidades domésticas de localidades diferentes da capital, na qual pais deixados para trás respondem à migração das esposas e aos cuidados dos filhos de formas variadas, formas estas constituídas a partir de modelos de masculinidade diversos e, por vezes, contraditórios.

Tal escolha foi decorrente, em primeira instância, de minha preocupação com a privacidade e a segurança das estrangeiras. Essa foi a saída que encontrei para um dilema que me acompanha desde o início de minha pesquisa, qual seja: como tornar pública uma dinâmica intra e extramuros cujas práticas nem sempre estão em consonância com a lei, e cujos atores, em sua maioria, não querem ter sua identidade revelada. Minha preocupação tem menos a ver com a possibilidade de esta pesquisa ser considerada “apologia ao crime”, como previsto no Código Penal Brasileiro, já que tanto minha participação em organizações que atuam em prol dos direitos de presas, quanto meu esforço de produzir uma etnografia sobre uma parcela delas em nada se confunde com apologia ou louvação a suas ações ilegais⁵. Meu maior receio são as possíveis consequências da publicação de alguns dados para os sujeitos pesquisados.

Bem sabemos que os significados da etnografia podem ser apreendidos de maneiras distintas daqueles pretendidos pelo etnógrafo. Em minha pesquisa, corro o risco de o conteúdo apresentado ser lido como algo próximo a delação, denúncia ou mesmo um relatório policial. Dito de forma mais clara, os dados publicados podem, em última instância, servir como fontes ou justificativas para ações que venham afetar certas estratégias descritas e colocar em risco a vida ou trabalho dos sujeitos pesquisados – ações sobre as quais não tenho nenhum poder de intervenção e que podem ocorrer sem sequer chegar ao meu conhecimento. Para lidar com tal dilema, adotei a ficção etnográfica.

É ficção na medida em que invento uma situação ao invés de transcrever, de forma literal, cenas, falas e personagens observados em campo por mim e registrada em áudio, vídeo e em meu diário. Mas o fato de eu renunciar a uma escrita, digamos, mais empiricista ou realista não implica em *déficit de realidade* (ver Karina Biondi e Adalton Marques, 2010) nem significa abrir mão dos elementos que definem a natureza etnográfica do texto. Como todo etnógrafo, estou em busca de desvendar, interpretar e explicar certo universo social, a partir dos encontros etnográficos – empíricos e teóricos. O que fiz, neste artigo, foi produzir uma narrativa etnográfica em um estilo de escrita menos usual na Antropologia, reunindo em uma crônica uma série de experiências derivadas do trabalho de campo e mediadas pelo arsenal conceitual e metodológico de tal disciplina (ver Heloísa Pontes, 2010). Mas tenho clareza que essa escolha me requer uma reflexão metodológica e teórica mais apurada.

No caso deste artigo, a decisão pela narrativa em formato de diálogo⁶ é decorrente, dentre outros fatores, do modo como li a obra de Madianou e Miller. Logo na introdução, fiquei surpresa com a semelhança de tratamento que os autores e eu despandíamos às mídias na interação entre mães e filhos separados pela migração – eles, é claro, de uma forma muito mais acabada do que eu. Em ambas as pesquisas os usos das mídias e os sentidos atribuídos a elas sugerem a composição

⁵ Ana Cláudia Marques e Jorge Villela (2005, p. 60) foram categóricos ao distinguir apologia de pesquisa antropológica: “Para retomar Sluka, não ser neutro não implica ser partidário (1995, p. 288). E esse é um ponto fundamental: isso não redundaria em uma tomada de posição dos pesquisadores nesses processos. Por mais intensa que seja a empatia entre pesquisadores e seus interlocutores (e muitas delas tornaram-se verdadeiramente intensas e sinceras), entre estrangeiros e nativos, nossas posições condicionam apreensões distintas, ainda que não obrigatoriamente neutras [...]. A dedicação em compreender tudo o que se passa em tais processos não se pode confundir com a sua apologia”. Claudia Fonseca (2004, p. 9) segue na mesma direção quando, inspirada em Clifford Geertz (1999), tece a seguinte afirmação: “Procurar compreender certas dinâmicas não significa louvá-las, nem advogar sua preservação. Significa, antes, olhar de forma realista para as diferenças culturais que existem no seio da sociedade de classe — sejam elas de classe, gênero, etnia ou geração — significa explorar o terreno que separa um indivíduo do outro na esperança de criar vias mais eficazes de comunicação”.

⁶ Há dois trabalhos que me inspiraram quanto ao uso do diálogo ficcional: Natalie Davis (1997) e Karina Biondi e Adalton Marques (2010).

de um amplo ambiente de interação, no qual mães e filhos tecem suas relações (ver Bruna Bumachar, 2012; Mirca Madianou e Daniel Miller, 2012). Retomaremos essa discussão adiante. O importante reter aqui é o fato de que essa semelhança me levou a travar um diálogo com cada parágrafo escrito pelos autores, diálogo este que pretendo compartilhar com os leitores, ainda que de forma parcial, por meio da conversa ficcional entre uma sul-africana presa em São Paulo e uma filipina residente em Londres.

Mas por que optar por duas personagens inventadas e, mais, de contextos migratórios tão distantes e distintos, se o diálogo foi entre mim e os autores? Por que não criar uma conversa ficcional entre eles e mim? Essa decisão tem a ver com as redes de interconhecimento que observei e participei ao longo do trabalho de campo dentro e fora da prisão (ver Manuela Cunha, 2002). Explico. Muitas estrangeiras se enredam numa série de conexões que não se desfaz com o final da pena de prisão. Ao contrário, o tempo de convivência intramuros e as condições legais e políticas que definem a categoria presas estrangeiras acabam por influenciar a constituição de uma vasta rede de contatos nacionais e internacionais, na qual estrangeiras combinam laços intra, entre e extramuros. Esses laços (pós-) prisionais vêm intersectar centenas de vidas nas prisões, nas ruas de São Paulo e no espaço transnacional, quando a situação esperada poderia ser precisamente a inversa, isto é, vidas que, uma vez fora da penitenciária, sairiam da rede prisional e dissipar-se-iam novamente pelo mundo. O encontro das duas personagens via Skype nos permite ter uma ideia dessa rede de interconhecimento e do modo como pessoas se inserem nela.

Por fim, justifico também a escolha de duas personagens que se encontram, via Skype, na casa de Francisca. Essa decisão tem a intenção não apenas de revelar ao leitor meu principal local de trabalho de campo fora da prisão, como também de apresentar, neste artigo, o movimento que marca minha pesquisa realizada intra e extramuros. Ao revelar a dinâmica de um dos meus locais de trabalho de campo, pretendo deixar visível o processo de construção dos dados etnográficos, afinal, aquilo que observamos e elaboramos é inextricável à posição que ocupamos e aos trajetos que traçamos na pesquisa. Em suma, a partir da criação de um encontro via Skype, observado por mim na casa de Francisca, viso não apenas discutir um aspecto da vida intramuros à luz da etnografia de Madianou e Miller, mas também apresentar o contexto das redes de interconhecimento de estrangeiras presas e de minha pesquisa. Espero que a cena do diálogo entre Joy e Lerato revelem ao leitor alguns elementos empíricos, metodológicos, políticos e teóricos a partir dos quais venho tecendo uma etnografia, dentre tantas outras possíveis, sobre a experiência de estrangeiras presas em São Paulo.

UM DIÁLOGO POSSÍVEL ENTRE DUAS CATEGORIAS DE MIGRANTES

Lerato atende o Skype. O desconforto toma conta do espaço entre sul-africana e filipina, revelando-lhes a limitação de uma intimidade estabelecida recentemente no Facebook. Tentam quebrar o gelo por meio daquilo que lhes é familiar, isto é, algumas poucas informações anteriormente compartilhadas naquela rede social. Primeiro, se (re)apresentam – era a primeira vez que se viam, digamos, ao vivo. Em seguida, falam sobre o fuso-horário, o clima e qualquer opinião superficial sobre as respectivas cidades de residência. Joy informa que está falando de sua casa, Lerato da casa de dona Francisca. Esta é a porta de entrada para entrarem nos assuntos que incitaram o encontro:

Joy: *Fran...como fala o nome dela?*

Lerato: *Fran-cis-ca. Mas pode chamá-la de mãe, é mais fácil. A gente a chama assim: mãe.*

Joy: *Mãe, assim? Então, mãe foi à prisão nessa semana?*

Lerato: *Foi sim.*

Joy: *Ela viu minha irmã? Falou com ela? Conte!*

Lerato sorri complacente com a ansiedade e a ingenuidade de Joy, típicas dos primeiros meses de aprisionamento:

Lerato: *Não, as coisas não funcionam assim. Aos poucos você vai entender todas as regras, porque o que mais tem ali é regra. Mas rapidinho você pega. É assim ó: a mãe não pode entrar na prisão e ver quem quer. Ela foi lá conversar com a assistente social para tentar colocar o nome dela no 'rol do Sedex' de Marites e de outras estrangeiras. Lembra que te falei que para mandar coisas para sua irmã você tem que ter o nome registrado e autorizado na prisão? Então...*

Joy: *Mas eu preciso de notícias de minha irmã. Há quase dois meses não falo com ela, não sei como está, se está viva [Joy desaba em prantos].*

Lerato: *Calma. Ela me escreveu e disse que está bem... [silêncio].*

Joy: *Desculpe, mas eu e minha mãe estamos muito preocupadas... [silêncio enquanto Joy se esforça para conter o pranto]. Você conseguiu o número de telefone da 'cadeia' para eu ligar? [Surpreendo-me com o fato de Joy usar o termo 'cadeia', tal qual estrangeiras costumam fazer dentro da prisão. Isso me sugere algum grau de inserção da irmã na rede prisional]*

Lerato: *Você não viu minha mensagem no Facebook? Ah, tá! Eu te mandei mais cedo o número e expliquei como faz para ligar. Mas deixe eu te explicar logo. Esse telefone fica na sala da dona Vânia, chefe de reabilitação. É um telefone para ela e todas as presas. Quando você ligar, dona Vânia vai atender. Ela só fala português. Então, assim que ela disser "Alô", você fala duas ou três vezes o nome completo da sua irmã bem devagar e depois desliga. Espere uns vinte minutos e ligue novamente. Dona Vânia vai atender de novo, aí você diz o nome de sua irmã. Se ela já estiver na sala, dona Vânia passa o telefone para ela. Se não, você desliga e tenta um pouco depois. Mas, ó, a regra⁷ é a seguinte: cada estrangeira tem direito a duas ligações por ano. Não importa de quem, mas só pode receber dois telefonemas no ano. R-E-C-E-B-E-R, porque ligar é só de celular mesmo. Se depender da 'cadeia', a gente perde a família.*

Joy: *Mas como ela vai ligar se a Polícia [Federal] pegou os celulares que ela tinha? Posso mandar o dinheiro para vocês comprarem o telefone e mandarem por Sedex? É esse o nome, Sedex?*

⁷ Apesar de estrangeiras usarem o termo regra, trata-se de uma política da penitenciária. Segundo uma recente publicação no Facebook de uma sul-africana que foi a São Paulo visitar a irmã presa, tal política foi suspensa e estrangeiras perderam o direito de receber os dois telefonemas anuais. Ainda não confirmei a informação. De todo modo, cito a nota: "We visited PFC today and among other things were to determine the reason why the prisoners are not allowed to receive phone calls. Sadly, it is a new rule. As of the beginning of 2013 detainees are barred from receiving the mere two calls they were allowed before. Truly, I was not surprised as Brazil Authorities are capable of implementing policies that are unfavorable to our citizens as and when they feel!" (postado em 4 de fevereiro de 2013).

Lerato: *NÃO! Quer dizer, o nome é Sedex, mas você não pode nem pensar em mandar celular. Joy, preste bem atenção: celular é proibido na ‘cadeia’, não pode de jeito nenhum⁸. As presas...*

Joy: *Mas você não me disse que as presas ligam para as famílias...*

Lerato: *Deixe eu te explicar uma coisa. Calma, respire fundo. Não, não chore! Olhe, Marites está bem, está com as parceiras filipinas. Ela não está sozinha e nem você. Eu vou te ajudar, a mãe também disse que pode ajudar vocês. E... quem sabe ela não é absolvida? [Lerato se volta para mim e, em português, sussurra: “– que mentira! Flagrada com sete quilos de cocaína, ser absolvida?! Mas vamos aos poucos. Uma notícia ruim por vez”. Sorrio e me mantenho em silêncio, enquanto a sul-africana aguarda a filipina se recompor. Em seguida, retoma a fala].*

Lerato: *Está mais calma? Que bom! Então deixa eu te explicar. Você tem alguns jeitos para falar com ela. Primeiro, as cartas. Elas são muito, muito, muito importantes lá dentro. Principalmente para as estrangeiras, que nunca recebem visita. É uma ou outra que recebe, e não vai ser o caso de Marites, né? A gente costuma falar que as cartas são as nossas visitas. Capriche nos...*

Joy: *Mas carta demoram muito para chegar!*

Lerato: *Ah, eu sei, demoram mesmo. Mas são muito importantes para quem está preso.*

Joy: *Não tem e-mail?*

Lerato: *Ter tem, mas não é que nem aqui fora. Calma que eu vou te explicar. Uma coisa de cada vez. As cartas são uma coisa, os e-mails são outra.*

Joy: *Cartas... como isso me lembra o tempo da minha mãe em Hong Kong! Vou voltar ao passado. Naquela época, a gente não tinha celular nem internet e só se comunicava por cartas. Tinha fitas cassete também.*

Lerato: *Cassetes? Como assim?*

Joy: *É. Eu adorava preparar as fitas, era uma festa gravar. Gravávamos mensagens para minha mãe na fita... jantar, festa de aniversário, missa; contávamos as novidades e mandávamos recado. Reuníamos a família toda, as crianças cantavam, era ótimo! Aí depois mandávamos para minha mãe. Ela dizia que nossa voz preenchia todo o espaço onde ela escutava, que a emoção da voz preenchia o vazio da solidão. O duro é que demorava para chegar – que nem as cartas. A gente às vezes ficava semanas sem qualquer notícia uma da outra. Aí Marites e Rodora, minha outra irmã, ficavam lendo e relendo as cartas da minha mãe – eu não gostava de ler não, sentia mais saudades. E minha mãe ficava do outro lado ouvindo a última fita ou relendo algumas cartas até as próximas chegarem. Ela conta que até decorava nossas falas.*

Lerato: *Nossa! Eu ia adorar receber fitas cassetes na ‘cadeia’. Os celulares são muito importantes, pela voz a gente sabe como as crianças estão. Não dá para esconder quando estão mal ou chorando,*

⁸É de conhecimento geral que o fornecimento, o porte e o uso de telefones celulares dentro das prisões foi legalmente proibido em decorrência de sua ampla utilização por parte de presos para a promoção de atividades criminais (ver Lei 11.466 de 28 de março de 2007 e Lei 12.012 de 06 de agosto de 2012). É também de conhecimento geral, amplamente divulgados pela mídia, o modo como tais aparelhos são transportados para dentro das prisões e os usos criminais e policiais (os chamados grampos) que deles são feitos. Apesar da importância desses pontos, meu foco não es neles. Privilegio fragmentos de narrativas de estrangeiras que ao longo de meu trabalho de campo fizeram referência à importância desse equipamento para a criação e manutenção de presenças, familiaridades e identidades. Ao evidenciar esse outro uso intramuros, não pretendo, em absoluto, negar sua faceta criminal e policial, nem mesmo desvelar segredos e estratégias que marcam sua utilização dentro das prisões de modo a colocar em risco os sujeitos pesquisados. Ao contrário. Quando reconheço que esse equipamento nem sempre é acionado para fins criminais e investigativos, pretendo colaborar para uma reflexão mais acurada sobre a multiplicidade de seus usos e sentidos intramuros, multiplicidade esta na qual a conotação criminal e policial são apenas duas dentre outras. Sobre alguns usos dos celulares no contexto criminal, policial e prisional, sugiro: Biondi (2009); Biondi e Marques (2010); Bumachar (2012); Camila Dias (2011); Gabriel Feltran (2010); Bruno Manso (2009).

coisa que no e-mail e nas cartas é possível esconder. O problema é que quando você desliga, pronto! Já não tem mais a voz de ninguém até a próxima vez. Depois, ou você se contenta com as duas ligações na sala da dona Vânia ou usa o celular de vez em quando e corre o risco de ser pega em alguma 'blitz'. Já pensou, ao invés de ouvir o 'radinho' no trabalho⁹, passar o dia ouvindo a voz das crianças?! Eu ia ficar escutando sem parar até gastar a fita! Que nem as cartas e os e-mails que a gente lê, relê e, quando acorda de madrugada e fica sem sono, lê mais uma vez. É uma boa companhia. Quer dizer, é e não é, né? Porque às vezes você lê e se dá conta que a pessoa amada está tão longe que até parece que você nunca mais vai ver.

Joy: *Sei muito bem como é isso. Às vezes, quando falo com meus filhos no Skype, desligo e choro tanto! Eles estão ali comigo, na minha frente, mas ao mesmo tempo não estão.*

Lerato: *Imagine, então, nós na 'cadeia' que nem Skype temos¹⁰! Mas, ó, vamos voltar para as cartas. Elas são muito importantes para nós. Por isso, capriche, Joy! Pode fazer desenhos, colar adesivos e purpurinas. Passe perfume se quiser também, beije o papel com batom! [risos]. Eu estou rindo, mas é sério! Tem carta que parece que trás a pessoa para dentro da 'cadeia', de verdade! Às vezes a gente nem relê a carta, mas só de ficar com elas no bolso já é bom, parece que a gente está com a pessoa. Se você não tiver tempo nem paciência de enfeitar muito, mande uma carta normal mesmo. O mais importante é mandar¹¹... Mas vem cá, você disse que não manda cartas? Como...?*

Joy: *Não. Quer dizer, mando sempre, claro. Mas são e-mails. Às vezes mando pelos correios cartões postais, de aniversário e de natal. Escrever mesmo, é só por e-mail. Mas aqui em Londres ainda tem filipina que escreve carta, principalmente quando a família não tem internet. Eu que tenho, mando e-mails. Eles são cartas, né?, que chegam bem mais rápido, praticamente no mesmo instante.*

Lerato: *Ah lá na 'cadeia' não é bem assim não. Quer dizer, tudo bem que e-mail é um tipo de carta, mas é diferente da carta. Entendeu? Não, né? [risos]. Vou te explicar. É porque os e-mails que a gente recebe é digitado, já as cartas são escritas com a letra da pessoa e podem vir também com outras coisas. A gente recebe umas com o pézinho ou mãozinha das crianças da família, com beijo de batom, desenho, adesivo. Nem sempre é assim, claro, né? Às vezes é só a carta escrita mesmo. Mas só de ver a letra da pessoa, uma palavra que foi escrita e depois rabiscada, a gente sente mais a pessoa. Os e-mails não. Eles são digitados, com aquele monte de letra tudo igual. Se você só olha para o papel e não lê a mensagem, são todos iguais. As cartas nunca são iguais. Às vezes tem parente que manda por e-mail desenho das crianças escaneados, aí é bom! Mas não é sempre que manda. E depois, nunca chegam colorido, só são impressos em preto mesmo. Para vocês aí não tem mesmo diferença nenhuma?*

Joy: *Eu nunca tinha parado para pensar nisso. Simplesmente eu e minha família mandamos e-mail, é mais rápido e prático. Mas pensando bem, é um pouco diferente. Nos e-mails, acho que não tenho tanto cuidado para escrever como tinha nas cartas. Não que eu não pense quando escrevo os*

⁹ Na Penitenciária Feminina da Capital, a massiva maioria das mulheres trabalham. Muitas delas passam o dia de trabalho com seus mini rádios sintonizados em estações religiosas ou musicais.

¹⁰ O diretor do Centro de Políticas Específicas da Secretaria de Administração Penitenciária de São Paulo comentou comigo, em uma reunião em janeiro de 2011, que esse Centro tinha a intenção de garantir a estrangeiros presos a possibilidade de falar com parentes via skype ou vídeo-conferência. Entretanto, até o momento, isso não foi viabilizado.

¹¹ Vale ressaltar que a importância das cartas estão para além da produção de presenças, familiaridades e identidades nas relações transnacionais. Podem ser também, e concomitantemente, documentos de Estado, quando acionadas como provas determinantes na legitimação de vínculos, pedidos judiciais e mesmo na definição do tipo e tempo de pena a ser cumprido por elas. Para uma discussão acurada sobre o assunto, ver Natalia Padovani (no prelo).

e-mails, mas é diferente. E-mail é quase uma conversa que a gente digita o que vem na cabeça. Ah e depois tem a coisa da privaci... cartas...vo...

Lerato: Joy, não te escuto. Alô? Joy? Desligou!

[A filipina liga de novo:]

Joy: Desculpe, o Skype travou aqui. Às vezes isso acontece mesmo. Eu estava a dizer das cartas e dos e-mails... No tempo da minha mãe as cartas eram sempre lidas em voz alta. Minha avó reunia todo mundo e alguém lia. Com os e-mails isso acontece às vezes, porque o computador fica bem na sala. Mas é possível eu ter meus segredos com minha filha mais velha, por exemplo. Na época da minha mãe isso era quase impossível! Minha menina está a cuidar dos dois irmãos mais novos, né? Então, às vezes eu e ela resolvemos problemas de dinheiro e das crianças por e-mail sem que meu marido ou minha mãe saibam. E o melhor de tudo é que nos e-mails eu e meus filhos conseguimos falar melhor dos sentimentos, de coisas mais profundas, sabe? Às vezes eles escrevem que me amam. Nunca falam isso no Skype, no telefone, nem pessoalmente. Só no e-mail mesmo.

Lerato: Ai, Deus, quem me dera ter internet e poder mandar e-mail todo dia, toda hora, ter celular à vontade na 'cadeia.' É um sonho para as estrangeiras!

Joy: Eu também queria poder toda hora. Trabalho, meu marido trabalha, as crianças estudam. Aí tem o fuso-horário. Não é tão fácil assim. Depois, ligar para as Filipinas é caro...

Lerato: Mas perto da nossa situação na 'cadeia'.. nem internet a gente tem! Talvez por isso as cartas sejam mais importantes para nós do que para vocês. Deixa eu falar mais uma coisa ainda sobre elas. Por acaso, você é organizada? Assim... disciplinada?

Joy: Acho que sim, por quê?

Lerato: Porque o que vou te dizer só serve para as pessoas que são. Algumas presas trocam cartas com a família a cada dois ou três dias. A primeira demora muito tempo para chegar, mas depois da primeira as outras chegam na sequência. Aí os destinatários passam a receber notícias a cada dois ou três dias.

Joy: Olha, é quase um e-mail pelo correio! [risos]

Lerato: Nossa é mesmo! Nunca tinha pensado assim [risos]. Assim a gente consegue (a gente não, porque eu não conseguia fazer isso!) Mas, algumas estrangeiras conseguem dividir o dia-a-dia da família desse jeito. Tem só um pouquinho de atraso – um mês! [A sul-africana ri, volta-se para mim e diz em português: “até nisso a ‘cadeia’ é um atraso de vida!"]. O problema é que às vezes uma ligação pode acabar com essa ilusão. Que nem uma vez... lá vou eu começar com minhas histórias!

Joy: Ah sim, claro! Porque se você escreve uma carta e conversa pelo telefone, a notícia chega mais rápido pelo telefone. Aí quando a carta chega, a notícia já está velha...

Lerato: Exatamente. Tá vendo como você vai pegar o jeito rápido?! Teve uma vez que o marido de uma parceira morreu. Ela soube da notícia num telefonema e depois a coitada ficou recebendo aquele tanto de cartas dele por quase um mês. Foi muito triste, não gosto nem de lembrar.

Joy: Que pesadelo! Eu pensava que...

Lerato: Alô? Joy? Acho que caiu de novo. Joy? Caiu!

[Lerato efetua a chamada].

Joy: Lerato, vamos tirar o vídeo, porque às vezes melhora. Pronto! Mas, então, onde estávamos

mesmo? Ah! Eu ia dizer que a situação na prisão parece pior, né? A minha também não é das melhores. Não posso sair daqui de Londres por conta do visto, de certa forma estou presa nesse país... a não ser que eu saia para nunca mais voltar¹². Mas pelo menos posso falar mais com minha família, acompanhar a vida deles, andar nas ruas, sair para me divertir e tal. A gente usa muito o celular e o Skype. Eu troco um monte de SMS com meus filhos, mas é sempre mensagem curtinha, sabe? Também conversamos bastante pelo celular. Eu compro os cartões de ligação para as Filipinas e falo por uns... O ruim é que a conversa tem tempo contado, uns dez minutos. Acabou o crédito do cartão, acabou a conversa! Só eu que ligo, porque a ligação das Filipinas para cá é muito cara. As crianças reclamam muito de não poderem me ligar. A sorte é que a gente tem internet, eu aqui na minha casa e eles lá em casa. Então falamos à vontade no Skype. Quer dizer, nunca é à vontade, né?, como eu te falei. Mas pelo menos não é que nem o celular que a conversa tem só dez minutos. E no Skype, eles também podem me ligar. Mas por conta dos horários diferentes a gente combinou momentos certos para se encontrar no computador. Sempre tomo café da manhã com eles, antes de as crianças irem para escola. Lá são seis da manhã e aqui em Londres onze da noite. E quando a gente se encontra aqui por acaso, a gente se fala.

Lerato: *Na 'cadeia' essa coisa de falar com a família é complicada. Sem internet, com cartas que demoram uma eternidade para chegar e celular que é proibido...! Para você ter uma ideia se a polícia te pega com um celular na cela, você vai para o 'castigo'¹³, perde o emprego e todos os benefícios de remissão de pena. Você se ferra só porque quer falar com seus filhos, é possível uma coisa dessas? Então, o que fazemos...*

Joy: *Mas como vocês usam se é proibido? Como tem celular lá dentro?*

[Pausa no diálogo. A sul-africana olha para mim e sorri. Em seguida volta-se para Joy]

Lerato: *Isso já é outra conversa. Primeiro deixa eu te explicar o mais importante. É muita informação para dar ao mesmo tempo [risos]. Aonde a gente estava mesmo? Ah, na 'blitz'. Como o celular é proibido e sempre tem 'blitz' nas celas, as mulheres geralmente fazem as ligações de dentro da prisão para fora e não troca SMS. Vai que a polícia pega o telefone e lê os SMS lá. Ou, então, que o telefone toca ou vibra e a polícia flagra? É uma prova concreta contra ela, e não a palavra dela contra a ...¹⁴.*

Joy: *Entendi. Mas por que é proibido? Que mal tem falar com a família?*

Lerato: *É que o governo brasileiro acha que o celular é usado só para crime e rebeliões. É verdade que isso acontece, mas aí quem quer falar com a família paga o pato junto. A gente sempre diz que se a diretora da 'cadeia' colocasse um telefone¹⁵ lá dentro e cobrasse por cada ligação nossa, ela seria a diretora mais rica do Brasil! A maioria das presas, (pelo menos as estrangeiras eu posso garantir, mas acho que as brasileiras também), pagaria para ligar do telefone da 'cadeia'.*

¹² Para mais dados sobre migração de filipinas(os) e seus status legal, ver Madianou e Miller (2012a, p. 16-20).

¹³ 'Castigo' são as celas de isolamento na PFC, onde presas que infringiram regimentos e leis permanecem por dias sem qualquer contato com as demais.

¹⁴ O termo *polícia* é utilizado pelas estrangeiras para fazer referência aos agentes penitenciários. Sua função normativa de vigilância e controle sobre a vida prisional os colocam numa posição estratégica tanto de fiscalização quanto de entrada dos aparelhos: primeiro, são os atores que põem o sistema de segurança prisional em funcionamento e, por isso, os que o conhecem em detalhes; segundo, são atores conectores que diariamente circulam entre as partes mais íntimas da prisão, assim como os bairros periféricos de São Paulo, onde muitas de suas famílias e das de presos costumam viver. Em decorrência da posição que ocupam no sistema prisional e do estigma que carregam em função de suas baixa escolaridade, remuneração, reconhecimento profissional e dos casos de corrupção a que alguns deles estão associados, tornam-se alvos fáceis de acusações e de matérias jornalísticas sensacionalistas. Para uma descrição sensível sobre narrativas, experiências e trajetórias de agentes de segurança penitenciária femininas, ver Adriana Taets (2012).

¹⁵ A instalação de telefones públicos dentro de prisões paulistas tem sido pauta de reivindicação entre organizações civis de direitos humanos como forma de garantir o direito dos presos à comunicação com entes próximos.

Joy: *Eu mandaria dinheiro para Joy ligar. Mas é triste me ver com três telefones e saber que minha irmã não tem nenhum...*

Lerato: *Três? Que exagero! Por que tudo isso? Está parecendo umas estrangeiras aí que quando são presas pela Polícia Federal estão com três ou quatro celulares. Ai, desculpe, às vezes falo sem pensar...*

Joy: *Não, tudo bem. Eu não sei se é o caso dessas estrangeiras, mas eu tenho três porque cada um serve para uma coisa: um é para mandar SMS à vontade para as Filipinas, o outro para fazer ligações mais baratas para lá e o terceiro é para minha vida aqui em Londres mesmo. Mas...o que eu ia falar mesmo? Ah, lembrei! Tem como Marites ligar para a gente lá de dentro? Ou a gente ligar para ela? Ela não tem dinheiro...*

Lerato: *Tem uns esquemas... [Lerato pausa, olha para mim de novo com um leve sorriso e segue:] Ó, se sua irmã quiser, ela vai te explicar direitinho. Pelo que me disse, ela vai entrar em contato com vocês nessa próxima semana. Fique tranquila que ela já se ajeitou lá...*

Joy: *Mas é possível ela me ligar? Ou vai me mandar e-mail? E se ela me ligar quando eu estiver trabalhando? Não posso atender o telefone no trabalho. E as crianças, como Marites explica que elas não podem mandar SMS? Quando estava em Hong Kong, minha irmã trocava muitos SMS... ela chegava a trocar mais de 50 mensagens de texto por dia com elas¹⁶. Aí no caminho de volta para casa, ficava relendo todas elas. As crianças vão sentir muito, coitadas. Minha irmã também. E como a gente vai explicar isso...?*

Lerato: *Olha, sua irmã vai sentir muita coisa. Celular na 'cadeia' é proibido e costuma ficar escondido, não é feito para ficar agarrado com a pessoa o tempo todo. Depois que entrou lá, quanto mais escondido estiver, melhor! Agora, sobre as crianças... Isso é sempre um desafio. Tem que rebolar! Porque a gente quer cuidar, acompanhar a vida delas, mas não quer que elas sonhem que estamos presas. Tem muita estrangeira que não conta para os filhos que está na 'cadeia'. Tem umas que contam para todo mundo, aí fica mais fácil – isto é, quando a família aceita a situação e apóia a presa. Tem outras que escondem de toda a família. Essas sofrem, viu? No meu caso, por exemplo, minha família não contou nada para as crianças. Só os adultos que sabem de tudo. Combinei com meus irmãos de dizermos que estou no Brasil a trabalhar nos correios. Como o fuso-horário é diferente, explico que os horários não batem. E no meu trabalho, tenho um chefe muito bravo; se ele me vir falando no celular sou demitida na hora! As crianças detestam meu chefe [risos]. Mas elas não são bobas, né?, desconfiam que tem algo errado. Ficam me perguntando mil coisas e buscando pistas para descobrir a verdade. Uma vez me perguntaram porque eu só tirava fotos de camisa branca. Eu nunca tinha prestado atenção nisso, criança é terrível! Mas acho que eles não sonham que a mãe deles está na 'cadeia'. Marites pode dizer a mesma coisa. Pode falar também que as operadoras brasileiras cobram muito caro pelos SMS e que o telefone dela das Filipinas não funciona no Brasil.*

Joy: *Ai, acho que as crianças vão perceber. Elas conhecem a mãe e já não são tão pequenas. Isso não vai dar certo. Agora entendo porque as cartas são tão importantes. É muito complicado!*

¹⁶ De acordo com Madianou e Miller (2012a), as Filipinas ficaram conhecidas como a capital mundial do SMS, devido a milhões de mensagens enviadas por dia.

Lerato: *Calma! Não é tão complicado assim. Quer dizer, até é, mas logo você pega o jeito. E, se deu certo para mim e tantas outras estrangeiras, por que não vai dar para vocês? Agora, vocês precisam ficar atentas, porque as crianças procuram pista o tempo todo, é difícil convencê-las plenamente e tem umas que acabam descobrindo.*

Joy: *Sei bem como é, porque também procuro pistas com meus filhos. E por isso tenho medo. Qualquer palavra diferente, qualquer gaguejada, fico tentando saber se eles estão me escondendo algo. Sei que muita coisa que acontece do outro lado não é dita para a gente, assim como também não digo tudo. Hoje menos do que antigamente. Porque falando com eles todo santo dia por SMS, celular e principalmente pelo Skype a gente acaba sabendo. Participo muito mais da vida deles do que a minha mãe participava da minha quando ela viveu fora.*

Lerato: *Posso imaginar. Agora que estou fora da 'cadeia', percebo isso. Quando a gente está lá dentro, chega uma hora que a gente perde a noção disso...*

Joy: *Mas aí é um tal de eles me pedirem coisa por SMS. É um tal de ouvir reclamação no Skype, de receber desabafos por e-mail... [risos]. Mas eu gosto, não de eles me pedirem tanta coisa – às vezes me sinto um banco e não uma mãe. Mas, gosto de estar com eles toda manhã, de trocar SMS, essas coisas. Gasto muito dinheiro com isso, fora as noites dos finais de semana em claro no Skype. Mas vale à pena, consigo ter uma vida mais real com eles, sabe? Sinto que participo de verdade da vida deles. Por isso que fico com medo de como vai ser a situação de Marites agora [Silêncio]. Mas, você disse que ela vai entrar em contato comigo em breve, é isso? Como você sabe?*

Lerato: *Ela me mandou um e-mail... Mas olhe, posso te garantir que se ela quiser manter contato com as crianças, ela consegue. Sua família tem acesso a correio, internet, celular. Tem uns esquemas de você mandar dinheiro, caso ela precise. Agora só depende de vocês. Claro que não vai ser a mesma coisa que antes. Ela vai ter que se adaptar à realidade da 'cadeia', mas é possível. Ó, para você ter uma ideia, tem estrangeira que é presa grávida e tem o filho na 'cadeia'. Aí fica com ele só seis meses lá no hospital penitenciário e depois entrega a criança. Nossa, elas sofrem muito! Mas muitas estrangeiras quando voltam para casa, depois de 4 ou 5 anos, a criança sabe muito bem quem ela é. Como isso é possível? Do jeito que estou te falando. Jeito a gente sempre dá, até porque isso é muito importante lá dentro. Eu digo que se não fosse pelos meus filhos, eu não aguentaria o peso da 'cadeia'! Eles não fazem ideia, mas foram o único sentido da minha vida em muitos momentos.*

Joy: *Tem vezes que eu também sinto isso. Mas ao mesmo tempo a distância deles e da minha família é o que mais me dói.*

Lerato: *É isso mesmo! Os filhos são o maior sofrimento e o que mantém a gente em pé! Pelo menos para mim foi assim, mas tem umas presas que não estão nem aí para a família... Você vê cada coisa na 'cadeia' que só por Deus mesmo.*

Joy: *Mas espera aí, você falou que ela te mandou um e-mail, certo? Você não disse que não tem internet lá dentro? Como ela fez, então? Mandou pelo celular?*

Lerato: *Não, pelo ITTC. E-mail é só pelo ITTC mesmo e às vezes pelo pessoal das Igrejas que visita a gente aos sábados. Você não recebeu nenhum e-mail dela ainda?*

Joy: *Não.*

Lerato: *Ai, desculpa! Ela me disse que tentou te mandar um, mas voltou. Já me pediu duas vezes*

para eu confirmar o endereço com você e eu me esqueci.

Joy: *Estou digitando aqui no chat do Skype. Pronto! Veja aí [pausa enquanto Lerato anota o endereço virtual de Joy]. O que é ITTC?*

Lerato: *Eu não sei o que essa sigla significa, mas são umas moças que ajudam as estrangeiras lá dentro. Caso você precise de alguma coisa, pode entrar em contato com elas por e-mail ou telefone. Depois te mando o contato delas no Facebook. Elas vão à prisão toda segunda-feira de tarde. Aí chamam as estrangeiras que tem e-mail para receber¹⁷.*

Joy: *Espere aí. Não entendi como elas fazem para mandar e entregar os e-mails.*

Lerato: *É assim ó: a gente escreve uma carta à mão mesmo (pode ser na língua que a gente quiser, tá?), coloca o endereço do e-mail para quem a gente quer mandar no canto de cima da carta e entrega a elas. Aí elas levam aquele monte de carta embora da 'cadeia', escaneiam no escritório, eu acho, e enviam para nós. Na semana seguinte, elas imprimem as respostas que receberam, levam para a 'cadeia' e entregam para a gente. É importante que você coloque o nome completo da sua irmã no assunto do e-mail, porque senão elas ficam sem saber para quem é e acabam não entregando a mensagem. Ah, e você pode mandar foto! É, isso é outra coisa...*

Joy: *Deixa eu entender uma coisa. Eles digitam carta por carta? É isso mesmo?*

Lerato: *Não! Espera aí. [Ela olha para mim:] Bruna, você não quer explicar a ela? Você sabe melhor do que eu! Espera aí, Joy.*

Bruna: *Não, não. Siga aí, você está explicando bem. E ela está super à vontade com você.*

Lerato: *Ai, Bruna, vou te bater! [risos]. A Bruna é do ITTC, ela é quem manda os e-mails. Eu estava dizendo para ela te explicar, mas ela falou que eu expliquei bem. Se você quiser, depois ela fala com você, né, Bruna? Então, voltando... como eu te falei, elas escaneiam carta por carta, sabe? Você sabe o que é escanear, né? Então, o e-mail funciona como um correio rápido: a gente entrega a carta e em menos de uma semana a pessoa para quem a gente escreveu a recebe, só que pelo computador. A única coisa ruim é que tem um limite de duas páginas por semana para cada estrangeira. Mas o bom disso, pelo menos no meu caso, é que com essa quantidade de páginas dava sempre para minha família imprimir. Lá em casa ninguém tem computador, não somos chique que nem você! Aí era uma carta mesmo, sabe?, com minha letra e tudo. Quer dizer, bom por um lado e ruim por outro. Ruim porque quando eu queria ter uma conversa mais particular, ficava difícil. Um e-mail para meu filho, por exemplo, passava na mão de outras pessoas antes de chegar nele. Acabava que as mensagens que eu escrevia eram mais geral, que todo mundo podia ler. Mas não é seu caso, porque você tem internet em casa e ninguém vai ler os e-mails entre você e sua irmã, ou vai?*

¹⁷ O Instituto Terra Trabalho e Cidadania (ITTC) é uma organização não-governamental que atua em defesa dos direitos do cidadão. No universo prisional, o ITTC firmou compromisso com o Estado de São Paulo, através de um protocolo com a Secretaria de Administração Penitenciária (SAP-SP), tendo por objetivo principal a prestação de assistência às presas estrangeiras e brasileiras. Na PFC, o Instituto realiza atendimentos semanais voltados às estrangeiras, dado o alto número de mulheres provenientes do exterior e de sua situação particular. Neste caso, o Instituto oferece auxílio jurídico, tanto no que diz respeito ao acompanhamento dos processos judiciais criminais e/ou ligados a seus filhos, quanto no que se refere a informações sobre direito nacional e internacional. Além disso, garante contato delas com pessoas *de fora* (da penitenciária e do Brasil) via e-mail e cartas, realiza telefonemas para seus parentes, e estimula e intermedeia a atuação de embaixadas e consulados e de órgãos e autoridades brasileiros na garantia de seus direitos. Minha entrada na PFC para a realização do trabalho de campo se deu, ao longo de quatro anos e meio, na dupla e simultânea condição de pesquisadora e de trabalhadora voluntária do ITTC. À sua equipe devo toda minha gratidão.

Joy: Não, ninguém. Só se alguém descobrir minha senha. Que nem eu com meu filho no Friends-ter e no Facebook [risos]: descobri a senha e sempre entro na conta deles para ver as mensagens inbox que trocam com os amigos. Mas acho que não vai ser o caso com a minha irmã. Qualquer coisa, é só eu trocar a senha de vez em quando.

Lerato: Nossa, você acompanha mesmo a vida do seu filho, hein? [risos] Mas sabe que você me deu uma boa ideia! Agora posso fazer isso também [risos]. Bom, mas com Marites você pode escrever segredos, ela pode desabafar, falar da 'cadeia' e tal. E quando quiser escrever cartas mais longas, ela vai te mandar pelo correio. Outra coisa: tanto sua família quanto Marites podem mandar fotos por e-mail, porque o ITTC escaneia e imprime. Mas não mande muitas de uma vez, se não o ITTC reclama, né Bruna? [Confirmo, em silêncio, com a cabeça e um sorriso]. Não deixe de mandar fotos. Por e-mail ou correio, não importa. Mas mande! Peça para sua mãe também. Mas diga a ela para tomar cuidado com o endereço no envelope, porque a palavra penitenciária é muito parecida em inglês e português. Se as crianças virem, podem descobrir que a mãe está presa.

Joy: Nossa, está bem. Nunca ia imaginar esse cuidado do que escrever no envelope.

Lerato: Pois é, todo cuidado é pouco. As fotos são muito importantes para quem está presa e não recebe visita, você não faz ideia. Eu fiquei sem ver meus filhos por quase 5 anos, porque minha família só me mandava foto antiga, de quando eu ainda estava lá. Quando saí e vi o meu menino com sete anos no Facebook da minha irmã, nossa! Eu quase morri! Eu não podia acreditar: meu bebê que deixei com dois anos estava daquele tamanho! Chorei de alegria. E de tristeza também. Doeu muito ver que perdi toda essa fase da vida dele. Sei que minha família não fez isso de maldade, eles só não tinham ideia da importância das fotos para mim lá dentro. Por mais que eu dissesse, eles não faziam ideia. É um tal de fazer carinho na foto, de fazer álbum de família nos cadernos de escola, de colar na parede das camas (a gente diz que é para acordar e dormir com a família). Tem gente que carrega nos bolsos das calças do uniforme, mais ou menos como a carta, que eu falei antes, sabe? Não sei bem como explicar, mas vira uma companhia. Tem gente que chega a sentir a pele, o cheiro da pessoa na foto! Não foi meu caso. Como eu só tinha foto antiga, acabava deixando as minhas guardadas. Olhava só de vez em quando, mas era ruim. Elas me davam a sensação de que o tempo na 'cadeia' não passava, como se tivesse parado. Todos os dias iguais na prisão, aí meus filhos sempre iguais nas fotos. Eu sentia também que eles tinham me abandonado e eu só ficava com aquela lembrança antiga. Era muito ruim, dá vontade de chorar só de lembrar.

Joy: Nossa que difícil. Acho que eu não ia aguentar, você foi muito for... te... ma...

Lerato: Alô, Joy? Ah, melhorou, estava falhando de novo. Que coisa mais chata! Esses computadores, viu? Então, pois é... foi muito difícil. Tem horas que você acha que não vai aguentar. E tem gente que não aguenta mesmo, a 'cadeia' fica pesada e a pessoa cai em depressão, endoia! Mas tem que ser firme, tem que ter fé que vai sair logo. É muito importante o apoio da família, mesmo que ninguém saiba da prisão. Só de mandar carta, e-mail, foto, falar no telefone ajuda a manter a gente de pé! Eles te mandam fotos das Filipinas?

Joy: Não muito. Às vezes mandam por e-mail. Mas vejo mais no Friendster e no Facebook. E tem a webcam no Skype, né? As crianças sempre postam fotos e comentários nesses dois sites. O bom disso é que consigo acompanhar bem a vida deles, saber como estão, com quem andam e o que estão

fazendo – ainda mais com a senha de um deles [risos]! Teve uma vez que peguei esse meu menino no chat do Friendster no horário da escola. Na mesma hora liguei para minha filha para saber o que estava acontecendo e ninguém sabia de nada. Descobrimos que ele tinha ido para a casa de um amigo ao invés de ir para a escola. Nossa, meu marido e minha menina ficaram tão bravos!

Lerato: Quem me dera poder ficar brava desse jeito lá na PFC, com internet e tal! Mas acaba que gente também acompanha, eu não posso reclamar não. Tem ‘cadeias’ muito piores, a dos homens estrangeiros mesmo. Nossa situação é bem melhor que a deles. Não é como aqui fora, mas a gente dá um jeito, faz o que pode. Você falou da escola aí eu me lembrei de uma vez que meu menino caçula decidiu não ir mais para a escola. Ninguém conseguia convencê-lo do contrário. Minha mãe, que estava com ele, conversou, brigou, bateu e nada! Ela não queria me contar para não me preocupar, mas acabou falando num e-mail. Aí no mesmo dia arrumei um celular, liguei e pedi para falar com ele. Pedi que ele fosse para o quarto, fechasse a porta para conversarmos em particular. Quando acabamos, pedi-lhe para chamar a avó, colocar o celular no viva-voz e conversarmos os três. Em dois minutos resolvi o problema! Não sei bem porque ele fez isso, desde pequeno é criado pela avó. Mas eu confesso que gostei, me senti mãe de verdade, sabe? E ainda bem que consegui arranjar um celular, né? Senão, eu ia perder essa oportunidade de me sentir tão importante [risos] e talvez meu menino não estivesse mais na escola. Aí minha mãe ia ficar brigando com ele... ai desculpe, estou falando muito. Vamos voltar para o que interessa...

Joy: Não, pode falar! É bom, porque vejo você falar e isso me acalma. Mas sei bem o que você está falando de se sentir mãe de verdade, também sinto...

Lerato: Alô? Alô? Caiu de novo. Ai Bruna, que chato!

Nesse momento dona Francisca entra no quarto, quer saber se está tudo bem.

Lerato: Está sim, mãe. Só esse Skype que fica falhando, mas está tudo bem. Olha Joy chamando.

Dona Francisca: Eu quero falar um pouco com ela. Bruna, filha, você pode ir lá na cozinha enquanto eu converso aqui, amor? Os dois africanos ainda estão lá, acho que querem jantar aqui, ai meu Pai! Tem um que está se engraçando todo pro lado de Lerato, né, filha?. Deixa ele comigo! [risos] Me representa, lá, filha, faça esse favor para mim.

Bruna: Claro, é pra já!

Dona Francisca: Obrigada, meu amor! Lerato vai ficar aqui para traduzir a conversa. Pede para o Busiso te contar sobre a vida dele. É muito interessante, daria um livro. Falei com ele sobre sua pesquisa. Quem sabe você não escreva um livro da vida dele?! Ah, e passei um café para você, está quentinho. Pegue também o bolo no forno, que é para ver se você fica mais fortinha, filha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: APONTAMENTOS SOBRE UM DIÁLOGO POSSÍVEL ENTRE DUAS PESQUISAS

O diálogo que acabamos de ler destaca a importância das tecnologias de comunicação na mediação das relações sociais e na reconfiguração da identidade materna. Tanto no caso de Joy quanto

no de Lerato, vemos migrantes investirem esforços para suspender a equivalência entre distância físico-temporal e ausência por meio de diferentes usos das tecnologias de comunicação disponíveis. Mas não são apenas as migrantes. O que vemos na contraposição dos dados etnográficos de minha pesquisa com os da obra de Madianou e Miller é uma série de mulheres – mães, filhas, irmãs, tias e, no caso de estrangeiras presas, donas Franciscas, moças do ITTC e pesquisadoras como eu – dedicarem-se à mediação dessa maternidade. As falas das duas migrantes mostram como tecnologias e pessoas são acionadas e combinadas de formas variadas e com intensidades distintas para compor suas respectivas experiências de maternidade.

De um lado, filipinas migrantes como Joy, telefonam com frequência para os filhos. A natureza sincrônica e interativa dessa comunicação lhes permite perguntar o que desejam e obter a resposta no momento em que desejam – mas não há imagem, queixam-se. Quando dispõem de condições técnicas e financeiras utilizam o Skype que, com seu potencial audio-visual e instantâneo, permite conversas prolongadas e momentos de copresença, como o café da manhã nas Filipinas – mas o fuso horário e as condições de trabalho e estudo de pais e filhos os impedem de passar o dia juntos no computador. Tecem fragmentos de presença ao longo do dia por meio dos celulares. Estes permitem, além dos telefonemas efetuados pelas mães, intensas trocas de SMS que podem ser armazenados, lidos e relidos por elas a qualquer momento – mas são conversas curtas, objetivas e superficiais se comparadas com o Skype e o e-mail. Este último, espaço privilegiado para o compartilhamento (e também armazenamento) mais privado e quase instantâneo de sentimentos e desabafos – mas e a vida social de seus filhos, como participar dela ou ao menos acompanhá-la? Friendster e Facebook. E quando algumas Joys descobrem suas senhas nestes sites, melhor ainda! O lado, digamos, mais reservado da vida dos filhos nas redes sociais pode ser espiado.

De outro lado, estrangeiras presas como Marites, podem receber duas ligações por ano no telefone fixo da penitenciária – mas não efetuar sequer uma ao longo de todo o cumprimento de pena. Podem recorrer aos celulares – mas seu uso é ilegal, cerceado e exclusivamente telefônico; o recebimento de telefonemas e a troca de SMS tornam-se desaconselháveis pelo seu potencial incriminatório. Escrevem e-mails que semanalmente saem da prisão como cartas (e fotografias) digitalizadas e entram nela em formato impresso – mas são conversas limitadas pelo número de páginas que estrangeiras podem preencher e pelas respostas que recebem em letras frias impressas em preto na folha branca de sulfite. Bem diferentes das cartas que podem ser personificadas e personificar o remetente na caligrafia e nas palavras riscadas ou apagadas, nas impressões digitais de mãos infantis e de bocas, nos desenhos cuidadosamente traçados pintados, purpurinados, nos adesivos infantis colados, no perfume borrifado, no conteúdo das mensagens e nas fotografias que as acompanham. Em suma, carregam a presença do remetente – mas geram ansiedade, porque demoram a chegar e podem se perder no caminho. Tempo de espera que pode ser subvertido quando cartas, e-mails e telefonemas são acionados sinérgica e continuamente em curtos intervalos.

São tantas Joys e Leratos que dependem uma quantidade significativa de energia, tempo e dinheiro para se fazerem presentes o mais próximas possível de seus filhos (ver Sharon Hays, 1997). Contudo, ao se pretender a máxima proximidade, elas nos revelam a natureza controlada dessa presença. Controlada pela distância física e temporal que faz Joy chorar quando retoma a solidão

em Londres após participar, às onze da noite via Skype, do café da manhã em sua casa nas Filipinas; que irrompe a vida de estrangeiras presas quando as conversas telefônicas envelhecem as notícias escritas em cartas e e-mails ainda a caminho; ou quando as fotos antigas da família de Lerato, em composição com o cotidiano exaustivamente repetitivo da 'cadeia', congelam seu tempo lá dentro e produzem uma das sensações máximas da distância, o abandono. Por fim, distância física e temporal que pode se manifestar de forma exemplar através do termo criança (e no tratamento atrelado a ele) acionado pelas mães para se referir aos filhos que muitas vezes já não mais o são.

Presença também controlada pela produção de uma economia das informações, quando mães, filhos e demais parentes administram o tipo de informação que circula, com vistas a proteger uns aos outros do sofrimento e a preservar a qualidade esperada dos vínculos. Controlada também pelas condições de trabalho que impedem Joy de receber telefonemas de sua irmã presa a qualquer momento; que impede Marites de acessar a internet, receber SMS dos filhos e conversar ao telefone dentro da legalidade intramuros. Pelas ofertas de mercado que possibilitam a troca intensa de SMS entre Joy e os filhos e que centralizam nela o poder de efetuar as ligações. E, por fim, controlada pela vontade de Lerato e Marites em manter sua vida prisional no sigilo diante das crianças; bem como pela distância que cria impeditivos a Joy de acompanhar a vida social dos filhos.

Nos contrastes entre proximidade e distância, vemos Joys e Leratos criarem novos arranjos espaço-temporais e, assim, garantirem uma experiência de maternidade transnacional "mais completa", nos termos das filipinas, e "de verdade", nos de estrangeiras. A comunicação via mídias integradas garante condições para uma interação, no entendimento de ambas, "mais real". Garante também a essas mulheres as condições necessárias para reconstituírem suas identidades de mães e negociarem a ambivalência entre sua vida na migração e a vida familiar no país de origem. Nesse sentido, as mídias surgem como tecnologias do *self* (ver Michel Foucault, 1988).

Mas não é só isso. Nesses contrastes entre proximidade e distância, conseguimos também vislumbrar o que as relações transacionais tem de comum com toda e qualquer relação social e o que tem de particular. De acordo com Miller e Madianou, os casos das filipinas e, acredito, os das estrangeiras presas constituem o extremo de um dilema que pessoas em copresença enfrentam cotidianamente, a saber: a natureza mediada de qualquer relação social. Com base em trabalhos anteriores de Daniel Miller (1997 e 2007), os autores consideram as relações sociais como síntese da dialética entre o normativo e o experiencial. Elas seriam o resultado das tentativas que pessoas fazem de reter expectativas formais à luz da complexidade que a define na experiência cotidiana. Nesse sentido, toda relação social é mediada.

A particularidade da maternidade estabelecida pelas duas categorias de mães migrantes concentra-se no fato de terem que lidar com essa tensão no contexto transnacional. Com a distância físico-temporal, os ideais normativos permanecem mais distantes da pessoa que ocupa uma das posições. Nesses casos, em cada conversa entre mães migrantes e filhos, as tecnologias (e eu acrescentaria aqui, as demais pessoas) acionadas por ambas as partes carregam o esforço de tornar ciente não apenas o modo como cada uma delas quer que a outra seja, como também a expectativa que a outra queira o mesmo para si. Em suma, as tecnologias e as pessoas acionadas mediam a tensão que marca a natureza mediada de toda e qualquer relação.

Se até aqui observamos a constituição das relações de maternidade – ora mais, ora menos distintas – devemos fazer o mesmo com as tecnologias. As cartas, por exemplo, assumem contornos bem distintos em cada um dos casos de migração. Estão no passado para tantas Joys e são precursoras do e-mail. De outro lado, são como visitas na prisão para as Leratos e Marites. Permitem estrangeiras ver, tocar e sentir a presença do remetente, tamanha é sua capacidade de conexão. Tornam-se quase e-mails quando são enviadas rigorosamente em curtos intervalos de tempo. Já os e-mails se tornam uma espécie de cartas expressas quando enviados e recebidos semanalmente e, mais ainda, quando escritos à mão e digitalizados. Já para as Joys são o espaço privilegiado para falar de sentimentos mais íntimos e dispõem de outra temporalidade – chegam quase no mesmo instante em que são escritos e enviados. Ambos, cartas e e-mails, podem ser armazenados, lidos e relidos nos dois contextos migratórios. Os celulares, por sua vez, são para Joys objetos pessoais capazes de uma interação, via voz e texto, frequente, instantânea e curta. E para Leratos, objetos ilegais que proporcionam com exclusividade às presas uma interação instantânea, apesar de curta duração e somente via voz. Em ambos os casos carregam a marca da mobilidade – para serem transportados junto ao corpo e garantirem a comunicação a qualquer momento, no caso das filipinas, e para atravessarem os muros e serem bem escondidos, no caso das estrangeiras. Carregam também a marca da uniteralidade na realização dos telefonemas: no caso das filipinas, é marca de ofertas de mercado e de poder materno e, no caso das estrangeiras, juntamente com a ausência dos SMS, tornam-se possíveis pistas sobre o verdadeiro paradeiro delas. Em suma, as tecnologias constituem as relações.

Mas não é só. O contrário também ocorre, ou seja, as tecnologias são constituídas pelas relações. As falas de Lerato e Joy em torno dos usos e sentidos de cada mídia nos sugere uma noção de tecnologia mais em termos de possibilidades que ela oferece para a ação (*affordances*) do que em termos de determinante da ação. Essa noção nos coloca em acordo com a definição gibsoniana proposta por Ian Hutchby (2001, p. 444), segundo a qual

affordances são aspectos funcionais e relacionais que estruturam, embora não determinem, as possibilidades para uma ação agentiva em relação a um objeto. Nesse sentido, as tecnologias podem ser entendidas como artefatos que tanto podem engendrar quanto ser engendrados pelas práticas que os humanos utilizam em sua interação com, em torno de e através deles. (Tradução nossa)¹⁸.

O diálogo entre as duas categorias de mulheres migrantes nos mostra que a possibilidade de ação de cada uma das mídias é definida a partir da interseção de marcadores sociotécnicos, tais como, interatividade, temporalidade, capacidade de armazenamento, durabilidade do conteúdo, replicabilidade, alcance e visibilidade, mobilidade, pistas, natureza pública/privada, custo e capacidade informacional.

¹⁸Texto original: “[...] affordances are functional and relational aspects which frame, while not determining, the possibilities for agentic action in relation to an object. In this way technologies can be understood as artefacts which way be both shaped by and shaping of the practices humans use in interaction with, around and through them” (HUTCHBY, 2001, p. 444).

Entretanto, esta é uma definição parcial, traçada com base apenas nas características técnicas e possibilidades de ação. De acordo com Madianou e Miller, os dados de campo nos sugerem pensar a constituição de cada uma das mídias não apenas a partir desses dois pontos, as características técnicas e possibilidades de ação, mas também a partir da interação destes e outros elementos.

O contexto político e econômico, as condições de vidas das pessoas envolvidas, os idiomas da prática, as ideologias das mídias e, é claro, as relações sociais interagem entre si e com as capacidades técnicas, constituindo um amplo ambiente de oportunidades comunicativas onde as *affordances* ganham contornos. A este ambiente os autores dão o nome de polimídia.

A polimídia sugere uma definição das tecnologias sempre em contraste e dentro de determinado contexto pessoal e cultural. De acordo com os autores, podemos defini-la como uma forma de estruturalismo no qual o entendimento que temos de cada uma das mídias é resultado do seu contraste com outras que também poderiam ser utilizadas na comunicação. Os e-mails, por exemplo, não são apenas e-mails. Eles são definidos como tais nas suas diferenças em determinado contexto e em relação a características técnicas e usos feitos dos telefones, cartas e SMS. Em suma, os contrastes e as sinergias entre as tecnologias em uso definem o nicho de cada uma delas em certo contexto pessoal e cultural. Do outro lado, esses mesmos contrastes e sinergias tornam-se o idioma por meio do qual as pessoas expressam as diferenças de forma e propósito da própria comunicação. Nesse sentido, toda escolha por uma ou outra mídia é um ato comunicativo e moral definidor de cada uma delas. Ao mesmo tempo, é um ato a ser compreendido de acordo com formas culturais de socialidade, temporalidade, poder e emoção.

Sem dúvida, uma das maiores contribuições da polimídia para minha pesquisa diz respeito à sua capacidade de proporcionar às pessoas a criação de registros e repertórios emocionais variados. Até então eu não havia atinado para a importância das emoções nas escolhas das mídias a serem utilizadas. Eu estava mais preocupada com a forma criativa com que estrangeiras acionam as tecnologias e criam, não apenas novos canais de comunicação, mas também um meio ambiente para além dos muros e controles prisionais. Apesar de as emoções atravessarem toda minha narrativa e reflexão, eu não havia pensado nas tecnologias enquanto seu idioma *per se*. Meu entendimento era de que as mídias transmitiam e moldavam as emoções, mas não que a simples escolha por uma ou outra mídia consistia na expressão mesma das emoções. Sem dúvida, essa reflexão de Miller e Madianou me sugerem retomar o material de campo. Enfrento agora o desafio de ver como, e em que medida, a escolha das tecnologias não apenas revelam o idioma do controle, mas também expressam o das emoções.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, Filomeno. Ritual passage and the reconstruction of selfhood in international labor migration. In: AGUILAR, Filomeno (Org.). **Filipinos in global migrations: at home in the world?** Quezon City: Philippine Migration Research Network and Philippine Social Science Council, 2002. p. 413-451.

AGUILAR, Filomeno *et al.* **Maalwang Buhay**: family, overseas migration, and cultures of relatedness in Barangay Paraiso. Quezon City: Philippine Social Science Council, 2009.

BIONDI, Karina. **Junto e misturado**: imanência e transcendência no PCC. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de São Carlos, 2009.

BIONDI, Karina; MARQUES, Adalton. Memória e historicidade em dois “comandos” prisionais. **Lua Nova**, v. 79, p. 39-70, 2010.

BUMACHAR, Bruna. Por meus filhos: usos das tecnologias de comunicação entre estrangeiras presas em São Paulo. In: COGO, Denise; ELHAJJI, Mohammed; HUERTAS, Amparo (Org.). **Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais**. Barcelona: Institut de la Comunicació, Universitat Autònoma de Barcelona, 2012. v. 1, p. 449-468.

CANNELL, Fenella. **Power and intimacy in the Christian Philippines**. Cambridge: University of Cambridge Press, 1999.

CONSTABLE, Nicole. At home but not at home: Filipina narratives of ambivalent returns. **Cultural Anthropology**, v. 14, n. 2, p. 203-28, 1999.

CUNHA, Manuela. **Entre o bairro e a prisão**: tráfico e trajectos. Lisboa: Fim de Século, 2002.

DAVIS, Natalie. **Nas margens**: três mulheres do século XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DIAS, Camila Caldeira Nunes. **Da pulverização ao (quase) monopólio da violência**: expansão e consolidação da dominação do PCC no sistema carcerário paulista. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2011.

FELTRAN, Gabriel de Santis. Crime e castigo na cidade: os repertórios da justiça e a questão do homicídio nas periferias de São Paulo. **Caderno CRH**, UFBA, v. 23, p. 59-74, 2010.

FONSECA, Claudia. **Família, foca e honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FOUCAULT, Michel. Technologies of the self. In: MARTIN, L. H. *et al.* **Technologies of the self**: a seminar with Michel Foucault. London: Tavistock, 1988. p.16-49.

GEERTZ, Clifford. Os usos da diversidade. **Horizontes Antropológicos**, v. 10, p. 13-34, 1999.

HAYS, Sharon. **The cultural contradictions of motherhood**. New Haven: Yale University Press, 1997.

HUTCHBY, Ian. Technologies, texts and affordances. **Sociology**, v. 35, n. 2, p. 441-456, 2001.

MADIANOU, Mirca; MILLER, Daniel. Crafting love: letters and cassette tapes in transnational Filipino family communication. **South East Asian Research**, v. 19, n. 2, p. 249-272, June 2011.

_____. **Migration and New Media: transnational families and polymedia**. London and New York: Routledge, 2012.

_____. Migration and the accentuated ambivalence of transnational motherhood: new media in Filipino migrant families. **Global Networks**, v. 12, n. 3, p. 277-295, July 2012.

_____. Mobile phone parenting: reconfiguring relationships between Filipina migrant mothers and their left-behind children. **New Media Society**, v. 13, n. 3, p. 457-470, Mar. 2011.

MANSO, Bruno Paes. Um debate sobre o PCC: entrevista com Camila Nunes Dias, Gabriel de Santis Feltran, Adalton Marques e Karina Biondi. **Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar**, v. 1, n. 2, p.154-175, jul./dez. 2009.

MARQUES, Ana Claudia; VILLELA, Jorge. O que se diz, o que se escreve: etnografia e trabalho de campo no sertão de Pernambuco. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 37-74, jan./jun. 2005.

MCKAY, Deirdre. Sending dollars shows feeling: emotions and economies in Filipino migration, **Mobilities**, v. 2, n. 2, p. 175-94, 2007.

MILLER, Daniel. How infants grow mothers in north London. **Theory, Culture and Society**, v. 14, n. 4, p. 67-88, nov. 1997.

_____. What is a relationship? Kinship as negotiated experience. **Ethnos**, v. 72, n. 4, p. 535-554, 2007.

PADOVANI, Natalia Corazza. Enredando muros e fronteiras: Documentos, cartas de amor e histórias de liberdade entre prisões de São Paulo e Barcelona. **Vibrant**. No prelo.

PARREÑAS, Rhacel Salazar. Long Distance Intimacy: Gender and Intergenerational Relations in Transnational Families. **Global Networks**, v. 5, n. 4, p. 317-336, 2005.

_____. **Servants of globalization: women, migration and domestic work**. California: Stanford University Press, 2001.

PINGOL, Alicia. **Remaking masculinities: identity, power, and gender dynamics in families with migrant wives and househusbands**. Diliman, Quezon City: University of the Philippines Press, 2001.

PONTES, Heloísa. Antropologia e história social da cultura: etnografia e fontes. **Revista del Museo de Antropología**, v.3, p.123-134, 2010.

TAETS, Adriana Rezende Faria. **Abrindo e fechando celas: narrativas, experiências e identidades de agentes de segurança penitenciária femininas**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2012.